

## MISERIAS

Na agregação da carne e dos helminthos  
No complexo atomico que enférma,  
O homem é, desde a mónada do esperma,  
Rei dos vermes carnivoros, famintos;

E analysando eternos labyrinthos,  
Na incomprehensibilidade do palerma,  
O "homo sapiens" do pôdre blastoderma  
Vive a febre damnada dos instinctos.

Homens!... Visões de mónadas divinas,  
Encarceradas em cadaverinas,  
N'um turbilhão de sanie e de materias...

E' preferivel, entre desconfortos,  
Ser a lama terrivel dos abortos  
Que viver vossas tragicas misérias.

## CARNE

Algema tenebrosa é a carne louca  
Onde o espirito, em lagrimas, se prende,  
Perambulando como um triste duende,  
Bebendo o pús das fistulas da bocca.

Viver entre os sentidos incompletos,  
Na existencia das cousas fragmentarias,  
Começando nas dôres solitarias,  
Da vida melancholica dos fetos.

Vaso de tegumentos e de humores  
E' o corpo, imagem viva do defuncto,  
O miserabilissimo transumpto  
Das condições mais tristes e inferiores.

Desprezar toda a luz, radiosa e viva  
Para viver na carne é descer quasi  
Da consciencia divina á horrenda phase  
Da irracionalidade primitiva.

Carne!... Nossa amargura original,  
Antes, sobre o planeta nunca houvesse  
O principio ancestral da tua especie,  
Nos mysterios da Vida Universal...

## VENDO O HOMEM

Ephemero é esse orgulho, homem, que guardas,  
N'esse mundo de angustias e de dores,  
Onde soluçam seres inferiores  
Entre milhões de cellulas bastardas.

E' o teu dia de dor, grande e profundo,  
Sob o eterno mysterio indevassado,  
— És o triste phantasma encarcerado —  
Nas leis organogenicas do mundo.

O corpo, que é o teu goso alto e triumphante,  
Que embellezas na Terra e em que presumes  
Uma taça de angelicos perfumes,  
E' um vaso tenebroso e repugnante.

Vive nas luzes, onde não se esbarra  
— A ventura que sonhas e desejas,  
Pois sobre o mundo a bocca com que beijas  
E' a mesma que vomita, cospe e escarra.